

História:

Espaço Fecundo para Diálogos



Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

História: Espaço Fecundo para Diálogos

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos / Organizadoras Denise Pereira; Elizabeth Johansen. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-650-8 DOI 10.22533/at.ed.508192709 1. História – Filosofia. 2. Historiografia. 3. Historiadores. I.Pereira, Denise. II. Johansen, Elizabeth. CDD 907.2
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *História: espaço fecundo para diálogos* oportuniza um olhar diferenciado ao campo da História. Perguntas recorrentes anteriormente como, a História é um campo com especialidades bem demarcadas ou, ao contrário, é tão múltipla que permite infinitas possibilidades de estudo da sociedade? Que “fontes históricas” os historiadores atuais têm acesso para problematizar a vida das sociedades de diferentes épocas? Essas questões, assim como outras, norteiam as discussões historiográficas contemporâneas e se fazem presentes nos diferentes artigos desse livro.

Ao apresentar métodos, aportes teóricos, objetos de estudo privilegiados e fontes históricas utilizadas evita-se delimitar o campo, mas propicia discutir as interconexões existentes entre as diferentes pesquisas divulgadas. Ao mesmo tempo, busca esclarecer as conexões possíveis entre História com outros campos do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Geografia, Política, Educação, Religião, Literatura, Museologia, Arquitetura e Arte.

Estudar a sociedade por essa multiplicidade de perspectivas nos leva a constatar que a História é, cada vez mais, um exercício democrático que deve continuar ocupando o centro dos debates atuais.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Elizabeth Johansen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EM DEFESA DA OPÇÃO DECOLONIAL NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: POR UM FUTURO QUE NÃO REPITA O PASSADO	
<i>Jaqueline Berdian de Oliveira</i> <i>André da Silva Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927091	
CAPÍTULO 2	15
ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: A FRONTEIRA NO <i>CANTO GENERAL</i> DE PABLO NERUDA	
<i>Gabriel de Souza Fagundes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927092	
CAPÍTULO 3	27
ENTRE CONCESSÕES E TENSÕES: A RELAÇÃO ENTRE SENHORES E ESCRAVOS EM PALMAS/PR (1860-1888)	
<i>Maria Cláudia de Oliveira Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927093	
CAPÍTULO 4	37
DISPUTAS DA MEMÓRIA: DAS FOSSAS ARDEATINAS À BOMBA NUCLEAR	
<i>Douglas Pastrello</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927094	
CAPÍTULO 5	47
HISTÓRIA, PASSADO E MEMÓRIA: LEITURAS E APROXIMAÇÕES	
<i>Dehon da Silva Cavalcante</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927095	
CAPÍTULO 6	58
NA DISPUTA DAS MEMÓRIAS: A CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETIVOS DA LUTA ARMADA NA MEMÓRIA DE SEUS MILITANTES (1968 – 1972)	
<i>Vinícius de Oliveira Masseroni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927096	
CAPÍTULO 7	74
INTRODUÇÃO À ABORDAGEM HISTÓRICO-EDUCACIONAL	
<i>Adelcio Machado dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927097	
CAPÍTULO 8	89
EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS EX-INTERNAS DO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO DE MONTES CLAROS NO SÉCULO XX	
<i>Elizabete Barbosa Carneiro</i> <i>Filomena Luciene Cordeiro Reis</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927098	

CAPÍTULO 9	97
O SISTEMA DE PENSAMENTO NOS MANUAIS DE ENSINO DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DE SÃO PAULO (SEC.XIX)	
<i>Patrícia Carla de Melo Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927099	
CAPÍTULO 10	108
O ENTRELUGAR DO CAMPO ESTÉTICO MODA-ARTE: UM CONCEITO CONSTRUÍDO HISTORICAMENTE	
<i>Camila Carmona Dias</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270910	
CAPÍTULO 11	120
PATRIMÔNIOS RECONFIGURADOS: INTERVENÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM EDIFÍCIOS HISTÓRICOS	
<i>Gerson Luís Trombetta</i>	
<i>Monique Villani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270911	
CAPÍTULO 12	132
UM MUSEU EM DESENVOLVIMENTO: A EXPERIÊNCIA DO CENTRO CULTURAL CASTROLANDA – CASTRO (PR)	
<i>Maurício da Silva Selau</i>	
<i>João Paulo Corrêa</i>	
<i>Samara Hevelize Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270912	
CAPÍTULO 13	145
MUSEU MUNICIPAL DE TRÊS ARROIOS A NARRATIVA DA HISTÓRIA NA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO	
<i>Maurício da Silva Selau</i>	
<i>João Paulo Corrêa</i>	
<i>Fabíola Pezenatto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270913	
CAPÍTULO 14	157
REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA HISTÓRIA DA MEDICINA	
<i>Ana Cláudia de Araújo Santos</i>	
<i>Daiane Silva Carvalho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270914	
CAPÍTULO 15	170
PROCESSOS CRIMES DE INFANTICÍDIO: DISPUTA PELA VERDADE, PODER E SUJEITOS	
<i>Paula Ribeiro Ciochetto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270915	

CAPÍTULO 16	180
A PRODUÇÃO DE VERDADES EM PROCESSOS CRIMINAIS DE VIOLÊNCIA CONTRA A VIDA: MALLET-PR 1913 A 1945	
<i>Júlio César Franco</i>	
<i>Hélio Sochodolak</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270916	
CAPÍTULO 17	200
RIQUEZA E SOCIEDADE NA COMARCA DE ARACAJU: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA SOCIAL DA PRIMEIRA ELITE ARACAJUANA (1855-1889)	
<i>Bruna Morrana dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270917	
CAPÍTULO 18	211
SENSIBILIDADES DE UM ESPAÇO: SER UMA PRINCESA NA MODERNIZAÇÃO REPUBLICANA – FEIRA DE SANTANA 1940 A 1950	
<i>Cristiane Lima Santos Rocha</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270918	
CAPÍTULO 19	219
TRAFICO DE ESCRAVOS E FORMAÇÃO FAMILIAR NO TERMO DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA – BA (1860-1888)	
<i>Célio Augusto de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270919	
CAPÍTULO 20	228
ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS PARA O COMPLEXO TERRENO EVANGÉLICO BRASILEIRO	
<i>Maralice Maschio</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270920	
CAPÍTULO 21	241
“DITADURA NO AR”: UMA VISÃO SOBRE A DITADURA CIVIL MILITAR	
<i>Lucas Marques Vilhena Motta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270921	
CAPÍTULO 22	254
A PROVÍNCIA EM PRINCÍPIO, A FRONTEIRA POR MEIO E O IMPÉRIO POR FIM: NETO E CANABARRO NA GUERRA DO PARAGUAI (1864-1865)	
<i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270922	
CAPÍTULO 23	265
ANÁLISE ICONOGRÁFICA DAS AÇÕES CIVICO-SOCIAIS DO EXÉRCITO NA FRONTEIRA BRASIL/ARGENTINA NA DÉCADA DE 1970	
<i>Ronaldo Zatta</i>	
<i>Ismael Antônio Vannini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270923	

CAPÍTULO 24	276
AS DOZE QUESTÕES FUNDAMENTAIS DE KARL DEUTSCH E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE IRÃ E EUA APÓS A REVOLUÇÃO IRANIANA DE 1979	
<i>David Anderson Zanoni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270924	
CAPÍTULO 25	291
CONTEXTO POLÍTICO JURÍDICO BRASILEIRO DA IMPLEMENTAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS NA FAZENDA ANNONI	
<i>Simone Lopes Dickel</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270925	
CAPÍTULO 26	308
DISPUTAS POLÍTICAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA: A CHEFIA DE ARTHUR BERNARDES NO <i>CIDADE DA VIÇOSA</i>	
<i>Natália Fraga de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270926	
CAPÍTULO 27	318
CRIANÇA INDÍGENA NO BRASIL: O ESTADO DO CONHECIMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL	
<i>Epaminondas Reis Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270927	
CAPÍTULO 28	326
A CAPOEIRA NOS SÉCULOS XIX E XX: DO PODER DISCIPLINAR AO SURGIMENTO DA SOCIEDADE REGULADORA	
<i>Jonatan dos Santos Silva</i>	
<i>Felipe Eduardo Ferreira Marta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270928	
CAPÍTULO 29	337
A HISTÓRIA POLÍTICA APÓS 30 ANOS DA PUBLICAÇÃO ORGANIZADA POR RENÉ RÉMOND: POSSIBILIDADES ATUAIS DE PESQUISA TENDO COMO OBJETOS GETÚLIO VARGAS E LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA	
<i>Gabriel da Silva Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270929	
CAPÍTULO 30	349
A ELITE POLÍTICA DA BAHIA NO SÉCULO XIX: OS MEMBROS DO CONSELHO GERAL DE PROVÍNCIA (1828-1834)	
<i>Nora de Cassia Gomes de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270930	

CAPÍTULO 31	364
A ESTRUTURA FÍSICA DOS CENTROS DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO – CASES COMO INSTRUMENTO DAS (IM) POSSIBILIDADES DE FAVORECIMENTO DE MOBILIDADE DO DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DOS ADOLESCENTES E JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE NO ESTADO DE PERNAMBUCO	
<i>Maria Lucia Cavalcante</i>	
<i>Maria da Conceição Barros Costa Lima</i>	
<i>Laís Cavalcanti de Sá Nogueira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270931	
CAPÍTULO 32	373
A FERRO E FOGO: SIMBOLOGIA NA MARCAÇÃO DO GADO NOS CAMPOS DE PALMAS: 1887 – 1938	
<i>Fabiana Mathias Roncatto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270932	
CAPÍTULO 33	384
A REINVENÇÃO DA NATUREZA: OS IMPACTOS DA INDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA EM GOIÁS	
<i>Rodrigo Jurucê Mattos Gonçalves</i>	
<i>Rayza Correa Alves Gonçalves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270933	
CAPÍTULO 34	393
A IMPORTÂNCIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO DE COXIM – MS COMO LINGUAGEM PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL	
<i>Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra</i>	
<i>Douglas Proença de Santana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270934	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	403
ÍNDICE REMISSIVO	404

“DITADURA NO AR”: UMA VISÃO SOBRE A DITADURA CIVIL MILITAR

Lucas Marques Vilhena Motta

Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas- Departamento de História
Pelotas-RS

RESUMO: A ditadura civil-militar ainda é um período bastante controverso na História recente do Brasil. Atualmente as discussões sobre o período se acaloram devido a uma guerra da memória entre os viventes dos anos de chumbo. Durante o ano de 2011 surge de forma independente a HQ *Ditadura no Ar*, em meio ao interim de estabelecimento da Comissão Nacional da Verdade, que se passa em 1969 trazendo uma história policial durante a repressão. Este trabalho busca contextualizar o cenário que permeou a produção deste quadrinho e de qual forma a ditadura é representada pelos autores.

PALAVRAS-CHAVE: Quadrinhos, Ditadura, Memória.

“DITADURA NO AR”: A VIEW ON CIVIL-MILITARY DICTATORSHIP

ABSTRACT: The civil-military dictatorship is still a rather controversial period in the recent history of Brazil. Currently discussions about the acaloram period due to a war between the living memory of the years of lead. During the year of

2011 arises independently HQ *Ditadura no Ar*, in the interim of establishment of the National Commission of truth, which takes place in 1969 bringing a story during the police repression. This work seeks to contextualize the scenario that permeated the production of this comic and which way the dictatorship is represented by the authors.

KEYWORDS: Comics, Dictatorship, Memory.

1 | INTRODUÇÃO

Ditadura no Ar surge em 2011 de forma independente através da publicação online por meio do site Contraversão, tendo roteiro de Raphael Fernandes e arte de Rafael Vasconcellos. Em 2016 foi compilada suas edições pela editora Draco, sendo lançada a minissérie completa em forma física. A HQ também obteve um bom reconhecimento ganhando alguns prêmios: Raphael Fernandes ganhou o prêmio de roteirista revelação no 25º Troféu HQ Mix em 2013 e a HQ ganhou o prêmio de melhor minissérie em 2016 no 28º Troféu HQ Mix.

Na narrativa acompanhamos o fotógrafo Félix Panta que busca por sua namorada que havia sido sequestrada pelos militares durante uma manifestação contra o regime ditatorial. A proposta dos autores é que a partir da leitura

da obra o leitor pudesse compreender alguns aspectos, que na visão deles, deveriam ser tratados acerca dos anos de chumbo.

Para entender o funcionamento da narrativa, os autores decidiram se inspirar no estilo da temática *noir*, que já é denotada no título com o jogo de palavras (no ar), onde a capa da HQ também presta homenagem aos cartazes de filmes do gênero. A personagem principal, Félix, é de fato um detetive diretamente tirado dos filmes do gênero; estoico, destemido e resiliente frente as dificuldades. O estilo artístico também apresenta uma paleta de cores e um filtro que deixa os quadros mais escuros mostrando que aquele período era sombrio e sem esperança para seus vivos.

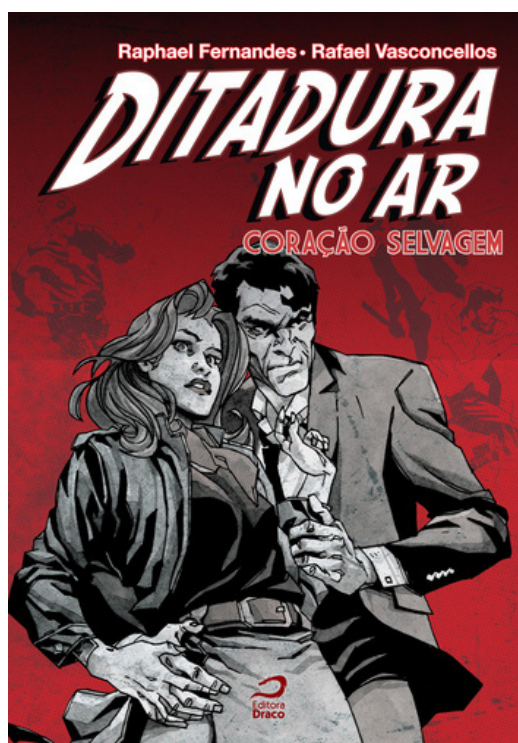


Figura 1: Capa da HQ

Com esta breve apresentação da obra pode-se verificar que dentro do cenário nacional a mesma conseguiu um grande destaque no mundo dos quadrinhos. Com isto posto, este escrito irá apresentar o recorte teórico e metodológico para a análise desta HQ, logo após será iniciada a análise do material.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Antes de se propor os métodos pelos quais serão analisados a HQ, primeiro deve-se propor uma definição para esta mídia. Portanto para este escrito será utilizada a definição de quadrinhos proposta por Will Eisner na qual:

A configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição da palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. (...) A leitura da revista de quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual. (EISNER, 1989, p. 8)

Com o conceito de Narrativa Gráfica podemos entender a dinâmica de leitura e confecção de uma história em quadrinhos. Corroborando com a ideia exposta por Eisner, Sônia Luyten (1985) define os quadrinhos como forma de expressão artística constituída por dois tipos de linguagem: a linguagem gráfica (a imagem) e a linguagem verbal (o texto). Para arrematar, esta interação entre o escrito e o visual; Paulo Ramos afirma que por mais semelhanças que os quadrinhos/mangás tenham com outras mídias, como o cinema, esses apresentam “mecanismos próprios para representar os elementos narrativos.” (RAMOS, 2009, p. 17)

Um fator que deve ser frisado para a análise de *Ditadura no Ar* é seu caráter independente e sua forma de distribuição inicial. A confecção da obra, inicialmente, se deu unicamente através do meio de divulgação digital sendo a única limitação editorial a questão artística e narrativa dos autores. Esta liberdade pode ter sido uma base fundamental para a criação da minissérie. A não inserção de uma editora possibilitou aos autores que a narrativa prosseguisse conforme sua visão estabelecida, sem interrupções de um corpo editorial.

Posto estas questões, pode-se partir para a definição da metodologia de análise que será utilizada para esta pesquisa. Neste trabalho será utilizado o método proposto por Umberto Eco em seu livro *Apocalípticos e Integrados* (1976), mais especificamente no capítulo leituras de *Steve Canyon*, onde o autor se utiliza de uma breve contextualização da tira jornalística e após isto, inicia-se uma análise quadro a quadro do quadrinho. Conforme explicado por Nildo Viana:

Desta forma, temos um procedimento analítico bastante simples. Em primeiro lugar, uma descrição do contexto social. Em segundo lugar, uma descrição do contexto estrutural da obra. O processo descritivo é complementado pela busca de paralelismos, ou de “estruturas homólogas”, termos tomados emprestados do sociólogo francês Lucien Goldmann (1976). (VIANA, 2016, p. 45)

Porém, para fins de realizar uma pesquisa mais eficiente serão realizadas algumas adaptações no método previsto por Eco. Neste escrito será realizada a contextualização do momento de confecção da HQ visando compreender quais eram as discussões que permeavam o período de 2011 a 2016 em relação aos debates em torno da ditadura civil-militar, já em outro momento será realizada uma análise da representação do regime ditatorial presente na obra.

O conceito de representação aqui utilizado será o proposto por Roger Chartier, onde:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 1998, p. 17)

A visão de representação proposta por Chartier coloca em consideração alguns

aspectos relevantes para se compreender a intenção dos autores de *Ditadura no Ar*, pois ao serem considerados os discursos, os grupos sociais e a posição de quem realiza essas representações, ou, no caso o quadrinho, se utiliza de suas subjetividades para cunhar a mensagem de sua obra.

Visto esta breve explanação teórica e metodológica, pode-se seguir para a análise da obra de fato. É necessário frisar que a edição que será utilizada para o estudo é a edição compilada pela Editora Draco no ano de 2016, pois esta edição traz a minissérie completa em formato físico. Porém não será desconsiderado do trabalho o período de confecção do material original.

3 | DITADURA PRESENTE

Para entender a intencionalidade da mensagem presente em *Ditadura no Ar* é relevante a leitura do prefácio escrito por Roger Cruz com o título “leia, sinta e lembre-se”, onde neste texto inicial é possível captar um determinado engajamento na obra. Segundo Cruz:

Se o esquecimento pudesse apagar certos eventos na história, a Ditadura Militar no Brasil seria digna de esquecimento. Uma ditadura marcada pelo mesmo de sempre quando se trata de regimes ditatoriais. Supressão de liberdade e direitos civis, tortura, censura, perseguição etc. Mas esquecer, ignorar ou menosprezar a importância da Ditadura na nossa história nos deixa à mercê do risco de ouvir alguém dizer que ela não existiu. (CRUZ, 2016, p. 3)

O presente contexto social pelo qual a produção da HQ é perpassado é amplamente envolto em discussões acerca das lacunas deixadas pelo regime ditatorial. A primeira menção de publicação online de *Ditadura no Ar*, coincide com a data de 8 de Julho de 2011, sendo em Novembro daquele mesmo ano aprovada a Lei nº 12.528 a qual sancionava a criação da Comissão Nacional da Verdade (CNV) que entregaria seu relatório final em 2014. (BRASIL, 2014)

Porém os debates que permeiam o tema da Ditadura Civil-Militar ocorrem desde anos antes. Dentro destes debates podem ser destacados um conflito entre os militares que defendem sua luta contra o comunismo que salvou o país deste mal e as vítimas e familiares que sofreram com a perseguição política, em alguns casos chegando a tortura de fato. Por se tratar de um evento bastante recente, muitos participantes do período na atualidade ocupam cargos públicos e se mantem em voga no meio social; portanto as discussões estão longe de serem esgotadas. (JOFFILY, 2018)

Segundo Martins Filho, os militares não aceitam toda esta discussão em torno da ditadura, pois:

Na visão unânime dos militares, uma vez derrotada, a esquerda esforçou-se por vencer, na batalha das letras, aquilo que perdeu no embate das armas. Tal atitude foi desde o início caracterizada pelo lado castrense como revanchista e inoportuna. Mas, em geral, o argumento que unifica a crítica militar às tentativas da esquerda de

construir uma narrativa própria sobre os acontecimentos de 1968-1975 adquire um caráter um pouco mais formal. Segundo essa perspectiva, depois da Lei da Anistia de 1979, qualquer esforço de trazer à lembrança o que efetivamente ocorreu na breve e brutal repressão aos grupos da esquerda brasileira (não apenas armada, vale registrar) representaria uma violação ao próprio princípio da Anistia. Conforme essa ótica, anistiar é zerar as contas e, portanto, esquecer. (MARTINS FILHO, 2002, p. 180)

Com a lei da anistia, os militares conseguiram aplicar um mecanismo legal que permitisse que todos os crimes cometidos tanto por eles quanto por opositores fossem anistiados. A finalidade deste aparato era possibilitar uma “exorcização dos demônios” do período ditatorial. Contudo a partir de 2003 com a eleição de Lula, o medo dos militares é cristalizado; pois com a eleição do líder sindical os “perdedores” teriam voz bastante ativa contra os já enterrados ossos do período. Segundo Joffily:

Os 50 anos do golpe foram debatidos com grande intensidade, tendo sido o ápice de um conjunto de políticas de memória, que culminou com os trabalhos da CNV, combinados com a efeméride de meio século e seu apelo editorial. O período destacou-se igualmente por uma maior polarização entre setores de esquerda e direita, como resultado das sucessivas administrações do Partido dos Trabalhadores, maior pluralidade de vozes e atores, e a disputa eleitoral à presidência da República. (JOFFILY, 2018, p. 232)

Um exemplo desta polarização e destas discussões entre militares e sociedade civil ocorreu em 2004 com supostas fotos da tortura de Wladimir Herzog antes de ser morto. Parentes ligados a Herzog confirmaram a autenticidade das fotos, porém outros afirmavam ser outro indivíduo. O que vale ser destacado desta questão foi a postura do Exército brasileiro que por meios oficiais divulgou uma nota reproduzindo a já “consolidada” versão oficial do suicídio do repórter. Tal incidente gerou uma disparidade com o presidente Lula que exigiu uma retração dos representantes das Forças Armadas. Este caso é bastante emblemático, pois denota um embate direto entre o presidente e integrantes do alto escalão das Forças Armadas sendo documentado nas mídias na época. Segundo Schmidt:

Pouco tempo depois da publicação das imagens, o Exército emitiu uma nota oficial reafirmando a interpretação tradicional da instituição a respeito do golpe militar de 64. Conforme o texto, “na época, as medidas tomadas pelas Forças Legais foram uma legítima resposta à violência dos que recusaram o diálogo, optaram pelo radicalismo e pela ilegalidade e tomaram a iniciativa de pegar em armas e desencadear ações criminosas.” O texto prossegue: “Quanto às mortes que teriam ocorrido durante as operações, o Ministério da Defesa tem, insistentemente, enfatizado que não há documentos históricos que as comprovem, tendo em vista que os registros operacionais e da atividade de inteligência da época foram destruídos em virtude de determinação legal.” (SCHMIDT, 2007, p. 145)

O trabalho da Comissão Nacional da Verdade é de suma importância pois os relatórios apresentados servem como uma “satisfação” do Estado brasileiro a seus cidadãos acerca de um período tão sombrio em nossa história recente. Os militares

se opuseram de diversas formas ao trabalho da comissão, pois segundo eles não representaria “a verdadeira história do período”. Já muitos que sofreram com o regime viam no trabalho desta empreitada uma oportunidade de paz e de preencher lacunas em suas histórias pessoais.

Visto isto pode-se afirmar que a luta pela memória da Ditadura Militar de 1964 está longe de se ter um ponto final. Com tantos vetores de interesse convergindo em uma mesma disputa e com a atual conjuntura do país onde o revisionismo histórico é bastante presente, *Ditadura no Ar* pode ser uma boa forma de analisar-se alguns aspectos definidores do período.

4 | UMA LEITURA DOS ANOS DE CHUMBO

Para compreender qual a visão os autores buscaram levar para a HQ, precisa-se procurar qual o período dentro dos 21 anos de ditadura que será utilizado para a representação. Conforme dito na orelha do material, a narrativa é “ambientada em 1969, depois do famigerado AI-5 e auge da ditadura (...)”. A justificativa de escolha deste período deve-se a aplicação do Ato Institucional número 5 (AI-5), onde a liberdade individual é praticamente ceifada. Segundo Joffily a ditadura cronologicamente pode ser dividida em:

Do ponto de vista de cronologia da ditadura, os 21 anos costumam ser divididos em três fases distintas. O primeiro período vai do golpe de 1964 até a decretação do AI-5, em dezembro de 1968, momento em que houve denúncias de prisões arbitrárias, violências e até torturas e assassinatos. O segundo vai do AI-5 até 1974, época em que a tortura e o assassinato político tornaram-se política de Estado, de maneira metódica, coordenada e generalizada. (JOFFILY, 2014, p. 164)

Este texto de Joffily acerca do funcionamento do aparato repressivo destaca que a partir da promulgação e aplicação do AI-5 a repressão é baixada sobre a população brasileira e inicia-se o período mais opressivo dentro destes 21 anos. Alinhado de anos de chumbo devido aos inúmeros descasos com os Direitos Humanos é o pano de fundo para o desenrolar narrativo dentro do quadrinho de Raphael Fernandes. A própria premissa chave é bastante ligada às práticas ditatoriais destes anos: O sumiço de uma jovem universitária motiva as ações do fotógrafo Félix em busca de seu paradeiro.

Em um determinado momento da trama somos apresentados à um *flashback* mostrando o sequestro de Nina. Nestas cenas vemos um panfleto de uma assembleia estudantil (Dentro da assembleia pode-se ver uma bandeira da União Nacional dos Estudantes) na faculdade onde a personagem está se dirigindo. Com isto também é mostrado a luta estudantil dentro das universidades contra o regime, assim como a presença de agentes da repressão no âmbito acadêmico fiscalizando as ações estudantis.



Figura 2 – Passado de Nina

Disponível em: FERNANDES, 2016, p. 46



Figura 3- Passado de Nina 2

Disponível em: FERNANDES, 2016, p. 47

Um artifício interessante usado pelo ilustrador da HQ é a utilização de uma paleta de cores mais fosca para representar estas cenas dando a certeza de se tratar de um acontecimento passado à narrativa principal e um amplo destaque da cor vermelha presente no lenço de pescoço de Nina. O vermelho além de servir como elemento de composição artística, funciona como forma de definir a personagem que é citada na obra como “membro do partido” (provavelmente seja o partido comunista) onde a mesma se define como uma militante da causa; principalmente contra a ditadura e a desigualdade. Nestas partes também são mostradas diversas frases contra o regime nas paredes da universidade, criando uma representação de um ambiente de resistência.

Durante as investigações do “sumiço” de sua namorada Nina, Félix vai ao encontro um guerrilheiro em busca de uma entrevista e fotografias para o jornal em que trabalhava, porém seu principal interesse era descobrir informações sobre sua amada. O “terrorista” chamado Samarca é inspirado em figuras como Carlos Marighella e Carlos Lamarca que durante a ditadura organizaram guerrilhas e conseguiram grande notoriedade na mídia do período.

A persona de Samarca funciona dentro da obra como uma forma de apresentar

ao leitor o aspecto da luta armada dentro daquele contexto. O lugar onde se encontram com ele é bem distante e de difícil acesso, algo que era crucial para a manutenção das células de guerrilha dentro do Brasil. Dentro da narrativa Samarca tinha fugido de uma prisão militar, em uma breve conversa com o fotógrafo Félix ele relata suas sessões de tortura. A fala do guerrilheiro é bastante simples onde ele diz que os castigos físicos não o quebraram, vendo que os suplícios físicos não adiantariam os “milicos” se utilizaram da tortura psicológica que resultou na quebra do torturado que por fim assinou a delação de seus companheiros.



Figura 4- Tortura Física de Samarca

Disponível em: FERNANDES, 2016, p. 31



Figura 5- Tortura Psicológica de Samarca

Disponível em: FERNANDES, 2016, p. 32

Como visto nas cenas gráficas de tortura, ocorre uma mistura entre o texto escrito e o visual que se completam de forma a compor uma cena tecnicamente bem feita. Com o aporte visual pode-se notar diversas formas de tortura física que foram utilizadas em Samarca onde são mostrados diversos instrumentos de suplicio físico. Já num momento final é mostrado a tortura psicológica em que é utilizada uma goteira para quebrar a mente do supliciado. Um aspecto que compõe a persona de Samarca, graficamente, é uma proporção bastante anormal onde em comparação com outras pessoas é capaz de se notar que ele não é mais o mesmo; quiçá humano. A tortura, segundo Joffily:

O interrogatório sob tortura foi uma das linhas mestras da repressão política. A violência dos tapas, socos e pontapés dos primeiros tempos sofisticou-se em torturas que seguiam uma ordem de intensidade crescente: palmatória, afogamento, “telefone”, pau de arara. (...) Foram inventariados pela equipe do Projeto Brasil: Nunca Mais, em todo país, 310 variações de tortura, catalogadas em nove categorias usadas contra presos políticos e, por vezes, seus familiares. (JOFFILY, 2014, p. 165)

A citação de Joffily ressalta a forma como a tortura foi uma prática bastante sistematizada e utilizada em toda a vasta extensão territorial do país. Somado a já

famosa prática de tortura, uma das falas de Samarca ainda denota outro aspecto deste sistema de opressão, onde a personagem afirma que “Enquanto estava naquele inferno, acabei ouvindo algumas histórias sinistras. As piores eram sobre o que faziam com as mulheres...”. (FERNANDES, 2016, p. 35) Por mais que não seja mencionados detalhes destas histórias, muitos trabalhos acadêmicos já se debruçaram sobre as violências contra as mulheres na ditadura, onde é notório a utilização da violência direcionada ao gênero feminino para quebrar as torturadas indo desde o castigo físico nas genitálias, estupros ou a ameaça aos filhos destas mulheres.

Um último ponto de representação é apresentado na HQ a perseguição aos meios de comunicação, ou a censura à imprensa. Isto aparece em uma rápida cena próximo ao desfecho da minissérie, após Félix assassinar um comandante do DOI (Departamento de Operações de Informação) e sair com provas que pudessem comprovar o assassinato de sua namorada Nina; o governo realiza uma verdadeira caça às bruxas a base de aliados do fotógrafo dentre eles o jornal para o qual trabalhava denominado de Pastiche e o ex guerrilheiro Samarca.



Figura 6- Fechamento do Pastiche

Disponível em: FERNANDES, 2016, p. 86-87

A imagem mostra um grupo de policiais adentrando a sede do impresso e agredindo seu dono e outros funcionários junto a apreensão de materiais. A imagem presente no canto inferior direito com a capa da última edição do jornal com o escrito “censurado” deixa bem claro ao leitor que toda aquela cena era além de uma representação da opressão governamental para abafar seus próprios crimes, uma forma de censurar seus opositores.

A censura foi amplamente utilizada pelo governo autoritário como forma de manipular a opinião pública, outorgando a massa à visão oficial dos fatos. Segundo Aquino (2002), a censura assumiu diversas formas e se utilizou de diversos métodos para aplicar seus objetivos. A presença de um censor ou um fechamento total de um

jornal variava conforme os casos. Em um dos exemplos citados pela autora é o caso do periódico *Pasquim* que foi fechado após passar uma matéria que ia contra os valores pregados pelo regime.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise de alguns pontos narrativos de *Ditadura no Ar*, podemos notar que durante a estória são representados diversos momentos em que ocorrem censura, tortura e repressão por parte do Estado autoritário. A proposta de juntar o clima pesado de uma narrativa *noir* com os anos de chumbo proporcionaram aos autores representar diversos aspectos que foram presentes no período.

Visto a efervescência que circunda a temática até a atualidade somado aos debates, propagandas e resultados da última eleição no Brasil; as discussões acerca da ditadura, nos mais diversos espaços sociais, é bastante presente. Portanto iniciativas como a HQ de Raphael Fernandes é uma boa forma de trazer esta discussão para meios onde estas discussões são bastantes necessárias, tais como escolas; visto que através desta mídia pode-se estimular os mais jovens a conhecer mais sobre um assunto tão necessário historicamente.

REFERÊNCIAS

FONTE

Fernandes, Raphael. **Ditadura no Ar: Coração Selvagem**/ Raphael Fernandes; desenhos de Rafael Vasconcellos. São Paulo: Editora Draco, 2016.

BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Maria Aparecida de. **Mortos sem sepultura**. IN: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org). **Minorias Silenciadas: História da censura no Brasil**. São Paulo: Editora da USP: 2002. p. 513 – 532.

BRASIL. **Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade (2014)** – Fragmentos -Volume I / Capítulo “A Criação da Comissão Nacional da Verdade”

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**, tradução Pérola de Carvalho- São Paulo: Editora Perspectiva, Ed. 2, 1976.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**, tradução Leandro Luidgi Del Manto- São Paulo: Devir, 2005.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

JOFFILY, Mariana. **Aniversários do golpe de 1964: debates historiográficos, implicações políticas**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 204 - 251, jan./mar. 2018. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310232018204>

JOFFILY, Mariana. **O aparato repressivo: da arquitetura ao desmantelamento.** In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **A ditadura que mudou o Brasil.** Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 172-184.

LUYTEN, Sonia Bibe (org.). **Histórias em quadrinhos: leitura crítica.** São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

MARTINS FILHO, João Roberto. **A guerra da memória: a ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares.** *Varia História*, v. 28, p. 178-201, 2002.

RAMOS, Paulo. **A Leitura dos Quadrinhos.** São Paulo: Contexto, 2009.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Cicatriz aberta ou página virada? Lembrar e esquecer o golpe de 1964 quarenta anos depois.** *Anos 90*, Porto Alegre, v. 14, n. 26, p.127-156, dez. 2007.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Violações dos direitos humanos das mulheres na ditadura.** *Estudos Feministas*, Florianópolis, 23(3): 406, setembro-dezembro/2015.

VIANA, Nildo. **Histórias em quadrinhos e métodos de análise.** *Revista Temporis*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 41-60, 2016. Disponível em: <http://nildoviana.com/artigos-fr.html>.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação

Elizabeth Johansen - Licenciada em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, especialista em História e Região, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestre em História, pela Universidade Federal do Paraná e doutora em Geografia, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aracaju 8, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 381

Arquitetura 5, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 129, 130, 131, 134, 135, 253, 369, 370, 371, 372

Arte 5, 7, 58, 59, 72, 73, 77, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 169, 178, 216, 241, 252, 396, 398

C

Capuchinhos 97, 100, 102

Centro cultural castrolanda 7, 132, 135

Colégio imaculada conceição 6, 89, 93

Cultura 1, 10, 12, 13, 14, 18, 25, 26, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 55, 56, 57, 58, 60, 65, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 87, 94, 102, 107, 110, 114, 117, 118, 120, 121, 123, 124, 128, 129, 130, 134, 136, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 178, 184, 186, 200, 215, 217, 230, 231, 263, 265, 320, 321, 323, 324, 327, 332, 333, 358, 361, 368, 375, 380, 386, 396, 397, 398, 399, 401

D

Discurso 10, 13, 14, 30, 39, 40, 59, 98, 100, 106, 115, 137, 141, 170, 175, 180, 181, 185, 189, 190, 191, 192, 197, 198, 232, 255, 258, 284, 327, 328, 329, 330, 335, 338, 339, 343, 345, 346, 386, 388, 389

Documento 31, 69, 96, 138, 140, 157, 158, 159, 160, 161, 168, 169, 172, 176, 187, 190, 192, 293, 297, 300, 344, 358, 369

E

Educação 1, 8, 9, 11, 12, 14, 48, 49, 51, 54, 56, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 106, 107, 108, 132, 134, 137, 151, 153, 200, 203, 228, 279, 281, 307, 312, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 335, 343, 345, 358, 364, 368, 386, 393, 399, 401, 402

Ensino de história 50, 51, 55, 401, 402

Escravidão 2, 4, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 51, 221, 223, 226, 227, 327, 382

Estudos organizacionais 1, 2, 3, 6, 11

Eurocentrismo 1, 2, 5, 12

F

Feira de santana 8, 211

Filosofia-teológica 97

Fotografias médicas 157

Foucault 5, 175, 178, 180, 181, 185, 186, 187, 189, 194, 198, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 335

Fronteiras 2, 10, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 33, 36, 58, 94, 108, 109, 110,

116, 117, 118, 120, 197, 221, 254, 255, 256, 257, 259, 270, 278, 321

G

Giro decolonial 5

H

História 1, 3, 4, 15, 16, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 35, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 96, 97, 98, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 118, 120, 121, 124, 125, 126, 129, 130, 132, 134, 135, 138, 142, 143, 144, 145, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 168, 171, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 190, 197, 198, 201, 203, 206, 210, 211, 221, 226, 227, 229, 230, 233, 237, 239, 241, 243, 244, 245, 246, 252, 253, 254, 263, 265, 267, 274, 280, 286, 289, 291, 306, 307, 313, 317, 320, 321, 324, 326, 328, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 342, 345, 346, 347, 348, 349, 352, 363, 374, 375, 381, 382, 383, 384, 393, 394, 395, 397, 398, 399, 400, 401, 402

História da violência 180, 181, 198, 335

I

Infanticídio 7, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 183, 191, 322, 324

Intertextualidade 15, 167

Intervenção 3, 32, 120, 122, 124, 126, 128, 129, 130, 262, 267, 269, 297

L

Literatura 5, 6, 13, 14, 15, 16, 21, 55, 58, 72, 77, 81, 82, 115, 231, 238, 320, 338, 395

M

Manuais de ensino 7, 97, 98, 105

Memória 6, 16, 21, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 76, 86, 120, 123, 129, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 176, 177, 183, 198, 199, 215, 216, 219, 241, 245, 246, 253, 274, 314, 326, 327, 335, 354, 362, 363, 395, 397, 398, 401

Moda 7, 82, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 395

Modernização 8, 99, 125, 201, 211, 213, 215, 216, 217, 288, 293, 297, 298, 307, 312, 316, 381, 387, 391, 392

Montes claros 6, 89, 92

Museologia 5, 132, 138, 143, 145, 153, 155, 156, 157, 397

Museu 7, 10, 128, 130, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 310, 361, 393, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402

N

Narrativa 7, 15, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 86, 87, 100, 103, 104, 106, 109,

110, 134, 135, 141, 143, 145, 152, 154, 155, 156, 173, 211, 212, 241, 242, 243, 245, 246, 248, 249, 252, 338

P

Passado 1, 17, 38, 39, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 65, 66, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 86, 87, 103, 107, 125, 129, 130, 134, 150, 151, 155, 156, 173, 178, 185, 216, 247, 248, 256, 258, 268, 270, 278, 295, 296, 341, 344, 345, 355, 369, 385, 397

Patrimônio 17, 23, 34, 120, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 152, 153, 200, 202, 383, 396, 397, 401

Pensamento 1, 3

Poder 1, 2, 3, 4, 6, 7, 11, 13, 14, 20, 28, 31, 40, 46, 49, 52, 53, 54, 61, 65, 68, 72, 79, 91, 93, 95, 98, 100, 102, 114, 124, 129, 146, 149, 151, 170, 171, 177, 178, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 196, 197, 198, 199, 213, 217, 231, 258, 260, 262, 266, 274, 279, 281, 283, 285, 287, 289, 297, 304, 305, 306, 311, 312, 313, 314, 316, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 347, 349, 350, 351, 357, 359, 361, 362, 363, 371, 373, 381, 386, 387, 399

R

Relações familiares 219, 224, 226, 257

Relações sociais 25, 27, 35, 75, 99, 177, 213, 217, 350

Riqueza 8, 7, 25, 59, 163, 176, 200, 201, 203, 206, 209, 281, 283, 328, 350

S

Século XIX 9, 203, 349

Sociabilidades 211, 215, 217, 370

Sociedade 2, 3, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 20, 25, 28, 32, 33, 35, 43, 45, 49, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 106, 110, 115, 121, 125, 132, 138, 156, 167, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 212, 213, 216, 219, 222, 235, 236, 239, 245, 280, 289, 292, 293, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 304, 306, 312, 313, 321, 324, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 344, 346, 347, 349, 350, 353, 363, 366, 367, 370, 371, 377, 378, 383, 392, 393, 397, 399, 400

Sujeitos 7, 9, 11, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 59, 156, 170, 171, 175, 177, 180, 183, 185, 186, 187, 188, 197, 212, 214, 226, 229, 256, 257, 291, 302, 306, 312, 313, 321, 322, 339, 350, 351, 397, 401

T

Tráfico de escravos 51, 219, 220, 222, 223, 226

V

Verdade 7, 10, 24, 32, 45, 49, 51, 53, 55, 58, 59, 65, 67, 70, 73, 102, 105, 111, 158, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190,

191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 241, 244, 245, 252, 258, 298, 315, 327, 328, 332,
333, 335, 339, 371, 377, 388, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-650-8

